

DOSSIÊ SEBASTIÃO CURIÓ

DIÁRIO joga luz sobre o "Rei da Selva"

Um patriota ou o demônio?
Quem é Sebastião Curio? Essas e
outras questões serão levantadas
de hoje a sexta (13), na série
de reportagens preparada pelo
DIÁRIO DO PARÁ

ISMAEL
MACHADO



Dois endereços em Brasília guardam histórias e silêncios. Não os endereços em si, mas o personagem que neles habita. A casa 3 do Conjunto I, no Lago Sul, ou as chácaras 31 e 32 do condomínio Euler Paranhos, no Paranoá, abrigam um homem beirando os 74 anos. Um homem que dizem ser vaidoso, de sorriso fácil e boas maneiras. Registrado como filho de Antonia Pimenta de Moura, sagitariano, Sebastião já foi conhecido como dr. Luchini, embora nunca tenha efetivamente cursado algum doutorado.

Foi temido, odiado, respeitado e até amado. Deu nome a município e já foi considerado o Rei da Selva. Personagem emblemático da história recente da Amazônia, Sebastião Curio Rodrigues de Moura vive o oitavo dos últimos anos de vida sendo objeto de polêmicas judiciais. Deve ou não ir a julgamento por crimes cometidos durante a ditadura militar?

O velho homem que ainda faz sessões de levantamento de peso, que tingiu os cabelos e costuma andar com dois seguros armados, foi talvez o mais temido braço militar brasileiro a comandar soldados no meio da selva entre o Pará e Goiás (Hoje Tocantins), com o intuito de diminuir o movimento encabeçado pelo PCdoB que entrou para a história como a Guerrilha do Araguaia, entre 1973 e 1975.

Com a missão de pôr fim ao movimento guerrilheiro, major Curio, como ficou depois conhecido, segundo seus acusadores, não poupou esforços e métodos. Praticamente todos os cerca de 70 guerrilheiros que participaram das ações foram mortos. Em combate ou executados depois de capturados. As pessoas que pedem a sua condenação o acusam de terem torturado e seqüestrado as vítimas. Por causa disso, há quem queira vê-lo sentado no banco de réus, indo a julgamento.

O Ministério Público Fe-

deral encabeça a lista dos que desejam ver Sebastião Curio prestar contas à Justiça. No dia 23 de fevereiro de 2012, sete procuradores da República encaminharam à subseção da Justiça Federal em Marabá denúncia para procedimento investigatório criminal contra Curio. A acusação sustentada pelos procuradores diz respeito a crime de seqüestro qualificado por maus tratos contra cinco ex-militantes do PCdoB envolvidos na guerrilha.

Maria Célia Correa (codinome Rosinha), Hélio Luiz Navarro de Magalhães (Edinho), Daniel Ribeiro Callado (Doca), Antonio de Pádua (Piauí) e Telma Regina Cordeiro Correa (Lia) seriam as vítimas que originaram a denúncia do MPF, com base no artigo 148 do Código Penal Brasileiro, que trata justamente de crimes como o de seqüestro.

De acordo com a denúncia feita à Justiça Federal pelo MPF, durante as operações militares contra a Guerrilha do Araguaia, ocorreu a "institucionalização das agressões físicas e psicológicas" não só aos guerrilheiros, mas também à população civil local, os camponeses, que eram ameaçados constantemente de sofrer consequências físicas e patrimoniais caso não fornecessem informações de interesse das Forças Armadas.

(Curio) foi o comandante operacional das ações de repressão ao movimento, dirigindo diretamente as atividades"

Tratado de denúncia encaminhada ao MPF

Segundo os procuradores, "não há notícia de existir sequer um militante que, privado da liberdade pelas Forças Armadas durante a Operação Manajoara (nome que se deu às primeiras operações de combate à guerrilha), tenha sido encontrado livre posteriormente".

"Curio passou a atuar decisivamente na repressão e combate aos militantes mesmo antes da segunda campanha", dizem os procuradores. "Foi o comandante operacional das ações de repressão ao movimento, dirigindo diretamente as atividades, além dos interrogatórios dos dissidentes políticos", afirma o documento encaminhado à Justiça Federal.

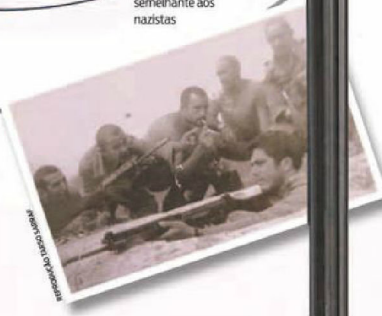
A tentativa do acerto de contas com a história não surtiu efeito. No dia 16 de março de 2012, o juiz federal em Marabá, João Cesar Ottoni de Matos, rejeitou a denúncia do Ministério Público Federal. O juiz entendeu que os crimes atribuídos a Sebastião Curio estariam abrangidos sob a Lei da Anistia, de 1979, que concederia perdão a crimes políticos ocorridos durante o período de duração do golpe militar de 1964. "O titular da ação pretende, dando outra roupagem aos fatos, reabrir a discussão", escreveu o magistrado ao avaliar a denúncia feita pelos procuradores federais.

"Pretender, portanto, depois de mais de três décadas, esquivar-se da Lei de Anistia para reabrir a discussão sobre os crimes praticados no período da ditadura militar é equívoco que, além de desprovido de suporte legal, desconsidera as circunstâncias históricas que, num grande esforço de reconciliação nacional, levaram à sua edição", concluiu o juiz.

COMENTE ESTA NOTÍCIA EM DOB
www.diaonline.com.br



Curio, de 74 anos que ainda hoje se exercita, tingiu os cabelos e anda escoltado por dois seguranças seria em criminoso semelhante aos nazistas



Curio só "abre o bico" quando quer

ISMAEL MACHADO

O jurista e cientista criminal Luiz Flávio Gomes não concorda com esta tese. "A Lei de Anistia, que concedia perdão para todos, foi validada pelo Supremo Tribunal Federal em abril de 2010, mas foi considerada sem nenhum valor jurídico no mesmo ano, pela Corte Interamericana de Direitos Humanos. Além disso, desautorizou o STF que, ao julgar a Lei de Anistia, não levou em conta os tratados internacionais firmados pelo Brasil, que não admitem anistia para os chamados crimes contra a humanidade. A decisão do STF violou várias convenções internacionais", afirmou.

Procurado durante a semana pela sucursal do DIÁRIO DO PARÁ em Brasília, Sebastião Curio não atendeu aos telefonemas. O advogado do ex-militar também não deu retorno ao jornal.

O silêncio de Curio, um pássaro de canto bonito, mas também de postura agressiva, só é rompido em momentos de conveniência. Em 2009, deu longa entrevista ao repórter Leonêncio Nossa, da Agência Estado.

Mostrou a mala de couro vermelha que contém documentos vitais para o esclarecimento de fatos ainda obscuros a respeito do período em que foi "Rei da Selva". Insinuou estar escrevendo um livro com a própria versão da história. A história do Pará e da Amazônia é repleta de personagens complexos, míticos, à sombra. Para o bem e para o mal. Nomes como Márcio Rambo, Quintino, Sebastião da Teresona, por exemplo, Sebastião Curio, ou major Curio, ou Dr. Luchini, integram esse "seleto" clube. É um pouco sobre a história deste personagem obscuro que o DIÁRIO DO PARÁ tenta lançar um pouco mais de luz durante os próximos dias.

DOSSIÊ SEBASTIÃO CURIÓ

Golpe de

64

sustentou
carreira
militar



Infiltrado com nomes falsos, Curió fez fama e carreira no sudeste do Pará ao sufocar a Guerrilha do Araguaia



ISMAEL MACHADO

O currículo impõe respeito. Ex-agente do Serviço Nacional de Informação (SNI), ex-membro do Conselho de Segurança Nacional (CSN), braço direito do ex-presidente da República João Batista Figueiredo, homem de confiança do general Newton Cruz, primeiro chefe do garimpo de Serra Pelada, ex-deputado federal pelo PDS, partido de apoio ao regime militar, coronel da reserva, ex-prefeito de Curionópolis, município cujo nome lhe homenageia, Sebastião Rodrigues de Moura

ainda é, mesmo assim, um mistério a ser decifrado.

Entre militares que compartilhavam dos ideais do golpe militar de 64 e antigos garimpeiros de Serra Pelada, Curió é um mito, um nome a ser lembrado com honras. Para militantes de movimentos sociais e remanescentes opositores da ditadura militar, um criminoso no mesmo nível de oficiais nazistas. A tentativa de levá-lo a Justiça, feita recentemente pelo Ministério Público Federal, dividiu opiniões. Columnistas como Reinaldo Azevedo e editorialistas de grandes jornais, principalmente os que argumentam em favor da tese da 'ditabrandia', classificam de oportunismo demagógico a iniciativa dos procuradores da República. Entidades ligadas a direitos humanos acreditam que, ao contrário, é uma forma de reparar injustiças históricas.

CURIÓ EM SILÊNCIO

Vivendo em Brasília, às margens do poder que sempre lhe coube de sombra, talvez passe os dias pensando nos próprios passos, imaginando que não chegaria tão longe. Na memória, é possível que reveja o dia ensolarado quando, ao fim da Segunda Guerra Mundial, assistiu a um primo ser recebido como herói na cidadezinha de São Sebastião do

RESUMO

PSEUDÔNIMOS

Marco Antônio Luchini, doutor Paulo, doutor Tibiriçá, foram alguns nomes falso usados por Curió para se aproximar de moradores e obter informações

AGENTE DO SNI

Assim ele chegou, primeiro em Xambioá (MT), e depois atravessou para o Sudeste do Pará, como falso funcionário do INCRA, nos anos 70

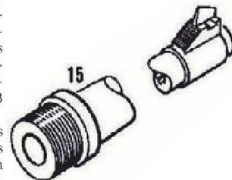
Paraíso, sul de Minas Gerais, lugar onde nasceu. O primo havia servido na Força Expedicionária Brasileira (FEB). Sebastião, um incipiente lutador de boxe, filho de um barbeiro, sentiu admiração pelo parente. E uma pontada de inveja. Decidiu seguir o caminho da farda. Seria uma carreira obscura, banal, não fosse o golpe militar de 1964. Sebastião de Moura mostrou-se logo um dedicado quadro militar. "A revolução de 1964 foi uma resposta ao chamado da sociedade brasileira", disse em depoimento à novela Amor e Revolução, do SBT. Atento às mudanças do vento, Moura fez um curso de especialização no Centro de Instrução de Guerra na

Selva, do Comando Militar da Amazônia. O aprendizado seria vital para o combate às guerrilhas rurais que começavam a ser planejadas por grupos esquerdistas, inconformados com a guinada à direita do Brasil.

Pode-se dizer que a carreira de Curió como agente da repressão militar teve início na década de 70 no sudeste do Pará, região do Araguaia/Tocantins. Sebastião Curió chegou ao Araguaia como homem forte do Serviço Nacional de Informações (SNI). Tinha carta branca para agir, principalmente depois das duas vexatórias derrotas sofridas pelos militares nas primeiras ações contra os guerrilheiros do PCdoB nas matas.

Curió sabia que muitos erros haviam sido cometidos pelos militares na ofensiva contra os guerrilheiros. Revelou isso em entrevista à revista IstoÉ em 2008. "Eles (os guerrilheiros) conheciam a floresta e a tropa militar colecionava muitos erros, como movimentar 300 homens ao mesmo tempo, roupas inadequadas, combatentes não adestrados e falta de rádios de comunicação. Até homens da guarda palaciana, que nem sabiam o que era selva, estavam lá", disse à revista. Ele estava lá justamente para corrigir esses erros.

Sebastião Curió chegou à região numa veraneio vermelha, junto a mais quatro companheiros, depois de três dias de viagem cansativa vindo de Brasília. Apresentou-se como funcionário do Inera e só o presidente do instituto sabia a real identidade dele. A primeira parada foi em Xambioá, à época um amontoado de casebres de madeira e barro, com menos de quatro mil moradores, às margens do rio Araguaia. Um misto de orgulho pelo papel que desempenharia e um certo receio pelo que poderia vir a encontrar, dividia o militar no papel de agente infiltrado. Marco Antônio Luchini, doutor "Paulo" e doutor "Tibiriçá" foram alguns pseudônimos usados por Sebastião Moura para se aproximar dos posseiros. A missão era uma só: sufocar a Guerrilha do Araguaia. Polícia Federal e o Exército serviam de retaguarda para ele. A situação enérgica contra os inimigos faria com que a fama se estendesse por todo o país. Depois que conseguiu ser vitorioso contra os guerrilheiros, destruindo qualquer possibilidade de reação, Curió passou a ter amplos poderes. Era o próprio Estado numa região de difícil acesso e de ausência quase total da União. Tornou-se uma espécie de 'Kurtz' da Amazônia, uma referência ao personagem de Joseph Conrad que originou o filme 'Apocalypse Now'. Militar é designado para missão secreta no Vietnã e depois se torna uma espécie de 'mito' entre nativos da selva.



COMENTE ESTA NOTÍCIA NO DO
www.diariodopara.com.br



Curió aproveitou a fama militar para ser político e liderar garimpeiros, mas hoje vive em silêncio em Brasília, onde espera ser inocentado



DOSSIÊ CURIÓ

Inimigos eram torturados sem piedade

**Bombs e presentes para as crianças.
Farsa, ameaças e tortura para os adultos,
em troca de informações**

ISMAEL MACHADO

O ano era 1966. O golpe militar estava instalado no Brasil havia apenas dois anos. Entre manifestações de rua contrárias e a favor, entre o apoio incondicional de setores da grande imprensa e as primeiras tomadas de posição jornalísticas contra o regime, as peças do confuso tabuleiro político começavam a se mover entre os que defendiam uma oposição dentro das normas jurídicas em busca da volta da democracia e os que pregavam a luta armada contra o regime imposto autoritariamente no País. Foi neste ano que integrantes do PCdoB, divergindo frontalmente da postura do Partido Comunista Brasileiro, começaram a se instalar em três áreas conhecidas como 'Bico do Papagaio', entre o sudeste paraense e o norte do que atualmente é o estado de Tocantins. Ali seria deflagrada a Guerrilha do Araguaia.

Alguns militantes, como o célebre Osvaldo, haviam recebido treinamento na China. Os futuros guerrilheiros, a maioria com boa formação escolar, foram aos poucos se instalando em pequenos municípios como São Domingos do Araguaia, São Geraldo do Araguaia, Brejo Grande do Araguaia, Palestina do Pará, Xambioá e Araguaetins. Surgiram como compradores de terras, comerciantes, trabalhadores rurais. Conquistaram a afeição dos moradores locais. Eram chamados de 'paulestas'. Faziam atendimentos médicos, prestavam-se a dar aulas, tentavam incutir consciência política nos humildes habitantes das localidades.

Dividiram-se em três destacamentos. Aos poucos a movimentação começou a chamar a atenção dos militares. Entre 1972 e 1974, as Forças Armadas promoveram três



campanhas militares visando eliminar a guerrilha. Foram escoaçadas na primeira tentativa. Recuaram estrategicamente na segunda, iniciando uma das maiores operações de espionagem e infiltração da história, para ao fim, vencer a última campanha.

Do lado guerrilheiro estima-se que 98 pessoas atuaram diretamente, seja pegando em armas, ou trabalhando na logística. Umhas duas dezenas eram pessoas da própria região. Enfrentaram uma força de pelo menos cinco mil agentes, entre policiais militares, federais, civis e da Polícia Rodoviária Federal. Oficialmente o conflito resultou em um saldo de 84 mortos. Sessenta e nove pelo lado dos guerrilheiros. 11 do lado militar, além de quatro camponeses, que não tinham vínculo nem com um lado, nem com outro.

Dois nomes podem ser considerados cruciais para a vitória da ofensiva militar. Um é o general Antonio Bandeira, o primeiro oficial a realmente acreditar que uma guerrilha estava sendo montada na região e a defender uma ação efetiva contra os militantes do PCdoB. O outro é Sebastião Moura Rodrigues, o major Curio, que comandou as ações resultantes no extermínio dos guerrilheiros e as operações de 'limpeza' subsequentes. "Sebastião Curio se apresentou em Brejo Grande como sendo um comprador de terra. Visitou várias fazendas na área que depois passou a se chamar 'OP 3'. Ele tinha outro nome. Quando começou a operação de 'caça' aos 'terroristas', passou a ser conhecido como Major Curio. Eu morava em São Domingos do Araguaia, desde o dia 5 de janeiro de 1972, quando ouvi pronunciar esse nome a primeira vez", lembra o padre Robert de Villecourt, que au-

almente mora no interior de São Paulo. "Meu contato foi indirecto. Eu fazia um trabalho de evangelização com o Mano (Emmanuel Wamborgue) e as Irmãs Dominicanas que moravam em Palestina ou em São Domingos, em toda a região que vai de Marabá à Porto da Balsa", relata Villecourt.

Segundo ele, a OP 3 era uma área privilegiada do Curio. Foi lá que ele colocou em lotes de terra os que serviram de 'guia do exército'. "O povo convidava a gente para celebrar missa ou batizar as crianças. Quando começava a celebração chegavam muitos carros do Exército que paravam na frente da capela ou da casa onde estávamos. Curio mandava reunir o povo e fazia distribuição de presentes para as crianças ou de alimento. O povo, por interesse ou por medo, deixava a capela e os religiosos terminavam a celebração sozinhos", conta Villecourt lembra que Curio explicava ao povo que havia dois tipos de padres: os "ortodoxos", que seriam os verdadeiros, e os padres comunistas que apoiavam os terroristas. "Ele se apresentava como católico praticante, de comunhão diária. Convidava o capelão militar que vinha de Belém para celebrar e mobilizava o povo e todas as crianças das escolas da área".

O método de Sebastião Curio era conhecido. "Ele estimulava a delação", diz padre Villecourt. "Um vizinho tinha

obrigação de vigiar o vizinho e denunciar se tinha algum contato com os padres. Assim, um dia, uma família amiga nos convidou para celebrar a missa. Quando chegamos lá não tinha ninguém. Vimos uma mulher escondida no quintal e nós a chamamos. Ela chegou, chorando, nos suplicando de sair o mais breve possível porque o Curio tinha dito que quem recebesse esses padres comunistas perderia o seu lote e seria preso e torturado". Na memória, padre Villecourt traz o dia 1 de junho de 1972. Foi quando o método Curio foi exposto de forma clara. "Membros do Exército chegaram à casa das irmãs, em São Domingos e me pediram para acompanhá-las, junto com a Irmã Maria das Graças. Fomos de noite para o lugar chamado "a Metade" onde nos interrogaram e olharam umas fotos. Queriam nos identificar com os que eles chamavam de "terroristas". No dia seguinte, levaram-nos, a irmã, eu e um lutador de circo, para a Palestina. Um tenente chamado Alfredo me acusou de ser comunista e me bateu de maneira muito violenta durante umas horas".

A freira foi poupada fisicamente, mas não psicologicamente. "Ele não bateu na irmã, mas ameaçou, dizendo que em Araguaetins tinha homens especializados em tortura de mulheres. Fomos amarrados que nem porcos e jogados num jeep. Fomos até Araguaetins. Quando viram o carro do bispo que estava de passagem foram nos esconder numa outra rua. À noite nos levaram de volta para São Domingos. O pior foi depois: durante dois ou três anos fui vítima de denúncia, humilhação pública...uma tortura não física, mas psicológica, insuportável", diz o padre. "Se ele mesmo praticou a tortura ou assassinou pessoas não posso afirmar. Sei que mais de 300 pessoas foram torturadas, algumas não voltaram mais para a casa e outros ficaram loucos", afirma o padre. Segundo ele, Curio era ou ainda é, um homem duplo. "Pode ser extremamente simpático aparentemente, que se dizia inocente de tudo e acusava seus subalternos de ser a causa de todo mal. Ele mandava fazer o mal, mas quando o povo reclamava ficava aparentemente revoltado e prometia castigar seus maus empregados. Na conversa que tive com ele, negava tudo".

Sei que mais de 300 pessoas foram torturadas, algumas não voltaram mais para casa e outros ficaram loucos"

Robert de Villecourt, padre

NA EDIÇÃO DE AMANHÃ
SURGE O REI DA SELVA

Serra Pelada recompensou "justiceiro"

Depois da Guerrilha, Curió é acusado de ter usado a tortura e a fama para sufocar camponeses, a igreja e até soldados suspeitos

ISMAEL MACHADO

Finda a guerrilha, entre os anos de 1974 e 1975, com um saldo desabonador para os militares, já que houve execuções sem julgamento e desaparecimento de corpos até hoje não encontrados, ainda havia uma missão considerada crucial pelo governo brasileiro. Manter a região sob rédeas curtas. E aí que o papel do 'major Curió' ganha amplitude. "Havia uma guerra maior do que a que terminava, era a luta pela terra. Essa é uma das chaves para a compreensão do fenômeno Curió", diz padre Ricardo Rezende, que morou em Conceição do Araguaia a partir de 1977. Atualmente vive no Rio de Janeiro. "Via-se no Curió, o 'doutor da mata', aquele que restou após a Guerrilha para concretizar a promessa de paz e vigiar a região. Ele era o 'justiceiro oficial', diz Rezende. A época era a de expansão do capitalismo na região Amazônica, construção da Transamazônica, Rodovia Belém/ Brasília, implantação de grandes projetos que ajudavam a povoar a Amazônia. A doutrina de segurança nacional endossava qualquer excesso dos militares. Configurava-se assim a concentração fundiária na região, construía-se o cenário perfeito para a região de maior conflito de luta pela posse de terra no país.

Quem conheceu de perto a maneira 'justiceira' de agir de Curió foi o missionário italiano Nicola Arpone, sequestrado em julho de 1979 em Vanderlândia, Tocantins. O missionário teve olhos vendados antes da sessão de torturas. Nicola foi ameaçado de ser jogado do alto de um helicóptero e fuzilado na mata. Segundo ele, nove homens sob o comando de Curió executaram a missão. A meta principal era livrar os colonos da "ameaça" comunista. Curió explicava sua situação alegando ser "um homem do sistema".

A mão pesada de Curió se voltava até contra os que eram do mesmo lado. É o caso do sargento João da Santa Cruz Sarmiento, que participou das primeiras ações contra a guerrilha em Marabá e foi um dos últimos a sair da região no fim dos conflitos, mas que ao final foi perseguido e preso por Sebastião Curió, sob a acusação, nunca provada, de que estaria vendendo terras a colonos. Por conta disso, deu baixa no Exército sem ter obtido as promoções a que teria direito se permanecesse normalmente nas Forças Armadas. Santa Cruz mora atualmente em um pequeno sítio no município de Santo Antônio do Tauá, Nordeste do Pará.

No outro extremo do país, a atuação de Curió também se fez notar. Os colonos do Paraná e Rio Grande do Sul co-



nheciam bem as táticas do, já então conhecido como 'coronel Curió'. No dia 23 de julho de 1981, Curió aportou no acampamento 'Encruzilhada Natalino', no município de Ronda Alta, Rio Grande do Sul, o embrião do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Uma semana depois monta barraco no acampamento, estrutura sistema de alto-falantes e começa a intervir no acampamento. Curió tem a companhia de vários policiais à paisana. Fala em nome da Presidência da República, e com autoridade para resolver o problema do acampamento. O aparato era garantido. Além de policiais, dinheiro e aviões do tipo búfalo ficavam à disposição de Curió. Eram utilizados para transportar os colonos que desejassem visitar projetos de colonização em outras partes do Brasil. A ideia sempre era a de desarticular o acampamento.

Sempre eloquente, Curió foi acusado de as lideranças e cooptar colonos com promessas de coordenação em assentamentos em outros Estados. "Falava-se dele na região do Araguaia como alguém perigoso, que faria parte do grupo que participava das torturas no decorrer do combate aos guerrilheiros; que não se deixava fotografar e era onipresente após a guerrilha. Seria um homem de confiança do governo militar. Atento ao perigo de uma presença de 'comunistas' na região ou de um ressurgimento da guerrilha", lembra padre Ricardo.

Rezende lembra bem o primeiro contato. "Um novo bispo tomou posse na Diocese, dom José Hanrahan, irlandês e redentorista. Substituiu ao dominicano dom Estevão. E um dia dom José me ligou e disse que iria receber o famoso Curió e queria que eu estivesse com ele, como testemunha da conversa. Dom José era muito prudente. Evitava encontros desta natureza, sem a presença de testemunhas. Fui para a casa do bispo. Pouco depois, conheci o famoso Curió".

A impressão era a mesma que todos tinham num momento inicial. "De fato ele era um homem gentil, simpático. Cabelos e bigode brancos. Olhos claros. Disse que vinha em nome do novo presidente, João Batista Figueiredo. O presidente queria manter uma boa relação com a igreja local. E Curió explicou: sabia que a igreja tinha razões para desconfiar, mas o governo dava todo o crédito à igreja". Segundo o padre Ricardo Rezende, Curió em geral era competente. Manipulava as relações, exercia a função paternalista. "Era um 'pai' que premiava os obedientes e sabia ser severo com os demais. Exercia a 'dominação' com sucesso, por isso suas boas relações com as autoridades de Brasília".

As 'boas relações' levaram Curió a ser praticamente o 'donor' de Serra Pelada e a sair das sombras, iniciando uma controversa carreira política. É o que se lerá na edição de amanhã do DIÁRIO.

COMENTE ESTA NOTÍCIA NO DOL
www.diariodopara.com.br



Falava-se dele na região do Araguaia como alguém perigoso, que faria parte do grupo que participava das torturas no decorrer do combate aos guerrilheiros.

Padre Ricardo.

DOSSIÊ CURIÓ

Ele também botou as mãos na política

Além de ser acusado de "sujar" as mãos com tortura e mortes de comunistas, segundo os adversários, Curió teria metido as mãos nos cofres públicos



ISMAEL MACHADO

Durante todo o período da Guerrilha do Araguaia, Sebastião Curió teve atuação destacada, porém nas sombras, no anonimato. Chegou à região sob o manto de endônimos. Segundo seus adversários, prendeu, torturou e mandou executar militantes comunistas. Tudo num mal disfarçado anonimato. Não se deixava fotografar e poucos sabiam sua verdadeira identidade. De acordo com os que o acusam, depois do fim dos combates ele permaneceu na região do Araguaia e comandou as diversas 'operações limpeza', um trabalho tão bem executado que até hoje não foi possível afirmar com exatidão em que local estão os corpos dos guerrilheiros assassinados.

Curió começava a alimentar-se de seu próprio poder. Nem sempre foi bem sucedido. Em São Geraldo do Araguaia, nos embates pela direção do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, em 1979, teria usado até o exército. "Para a região foram deslocados helicópteros, médicos, engenheiros, construíram estradas, fizeram promessas para os posseiros, tentaram cooptar os padres de São Geraldo do Araguaia e o bispo, e promoveram campanhas de difamação contra a oposição sindical e aos que a apoiavam, fecharam a Rádio Educadora da Prelazia de Conceição do Araguaia. Mas na apuração dos votos, a chapa 1, apoiada por Curió e pelo Governo Militar, perdeu feio. "Certamente foi a gota d'água que levou à prisão dos dois padres - Aristide Camio e François Gouriou - e dos treze lavradores de São Geraldo", lembra o padre Rezende.

O início da década de 1980 iria encerrar esse período de 'clandestinidade' oficial. Em dezembro de 1979, um vaqueiro da fazenda de um velho, conhecido como Genésio, encontrou uma pepita de ouro num local conhecido como Grota Rica, um pequeno curso de água que fazia brotar ouro quase sem que se precisasse cavar. A 'fofoca' do ouro se espalhou e três meses depois, mais ou menos 30 mil homens já estavam descendo barrancos no que hoje é mundialmente conhecido como garimpo de Serra Pelada.

Conflitos eram resolvidos na base do fio do bigode ou no cano fumegante de um revólver. Era preciso por ordem na casa. Foi o que o general João Batista Figueiredo, então presidente da República, quis fazer. Em 1984, pagou uma indenização de 69 milhões de dólares à Companhia Vale do Rio Doce, estatal detentora dos direitos de exploração mineral da área.

Foi quando caiu o anonimato de Sebastião Moura, o Curió. Figueiredo, satisfeito com a atuação de Curió na 'pacificação' do Araguaia, decidiu escalá-lo para disciplinar o maior garimpo do mundo, logo no primeiro ano efetivo de corrida do ouro na região.

Quando visitou o garimpo, quase dois anos depois, disse ter gostado do que viu. Em Serra Pelada, elogiou a disciplina imposta pelo seu braço direito. Viu os garimpeiros cantando o hino nacional e hasteando a bandeira. Disse que era uma disciplina rara até mesmo em muitos quartéis.

No discurso aos garimpeiros, o general agradeceu o que viu e estendeu o mímico ao que chamou de 'meu amigo maior Curió'. "Ele tem conseguido ser junto dos senhores o meu intérprete leal, que tem conseguido trazer aos senhores aquilo que eu desejaria fazer todos os dias pessoalmente", registraram os jornais na época. O ano era 1981.

No mesmo ano a Câmara Municipal de Marabá, junto com a maçonaria, fizeram também uma grande homenagem a Sebastião Curió. Ao ressaltar o papel do 'homem que livrou a região da ameaça comunista', deram-lhe o título de cidadão marabaense. Anos depois o título seria revogado, mas era um sinal claro do prestígio vivido por Curió nos primeiros anos da década de 80.

Na administração do garimpo, Curió fez exatamente o que se esperava dele. Desarmou a população, acabou com as brigas e mortes por causa de mulheres, sorteou barrancos. Ou seja, foi impondo alguma ordem, mínima que fosse, numa terra sem lei. Ganhou as graças dos garimpeiros quando atuou para impedir que a exploração do ouro fosse feita de forma mecanizada, o que resultaria na expulsão dos lavradores de minério.

O prestígio fez com que o povoado existente próximo à área de garimpo fosse batizado de Curionópolis, em homenagem ao 'beneficor'. Com a popularidade em alta, recebeu nova missão. Virar político profissional. Não era uma inclinação natural de Curió, mas em 1982 os generais Octávio Medeiros e Newton Cruz, ministro chefe e chefe da Agência Central do SNI, respectivamente, ordenaram que o coronel saísse candidato a deputado. "E missão? Se for missão, eu sou candidato", teria dito ao obedecer incontinentemente. Foi eleito deputado federal nas eleições daquele ano.

Logo após os resultados das urnas, voltou-se a cogitar a possibilidade de mecanização da extração de ouro em Serra Pelada. Disposto a não perder as rédeas de comando, Curió elaborou um projeto de lei em que parte da exploração poderia ser mecanizada, mas outra parte continuaria sob a extração garimpeira por cinco anos.

Em 1988 Curionópolis foi elevada à condição de município. O primeiro prefeito foi Salatiel Almeida. Curió foi o quarto prefeito do município. Chegou a administrar a cidade em duas ocasiões, mas acabou sendo condenado ao pagamento de R\$ 1,1 milhão por improbidades administrativas ocorridas entre 2001 e 2004. A denúncia era de desvio de verbas do Fundef, desde a contratação de empresas fantasmas, uso de notas fiscais falsas, inexistência de processos licitatórios ou processos cheios de irregularidades. O extodo poderoso Rei da Selva foi cassado em 2008 e teve os direitos políticos suspensos por cinco anos. Seria o capítulo final de uma história marcada a ferro, fogo e sangue nas matas amazônicas? Na edição de amanhã, o que restou da força de Sebastião Curió.

COMENTE ESTA NOTÍCIA NO DOL
www.diariodopara.com.br



Manipulação de garimpeiros foi trampolim para carreira que acabou mal



ISMAEL MACHADO

Em Brasília, depois de tantas refregas, físicas e ideológicas, Sebastião Rodrigues de Moura, o Curió, talvez esperasse passar os bons anos que lhe restam vivendo uma aposentadoria tranquila, ao lado da mulher, décadas mais nova do que ele, e do filho ainda pré-adolescente. Não é o que deve ocorrer, se depender do Ministério Público Federal.

O MPF já decidiu que vai recorrer da decisão do juiz João César Otoni de Matos para que o coronel da reserva seja processado pelos crimes de sequestro contra guerrilheiros do Araguaia. Os procuradores da República que atuam no caso – do Pará, Rio Grande do Sul e São Paulo – já estão trabalhando no recurso que será dirigido ao Tribunal Regional Federal da 1ª Região. “Estamos efetivamente dispostos a cumprir a determinação da Corte Interamericana de Direitos Humanos que deixou clara a obrigação brasileira de trazer a verdade sobre os fatos que ocorreram naquele momento, de dar uma satisfação às famílias que até hoje não sabem o que ocorreu com seus parentes e também a cumprir o precedente do Supremo Tribunal Federal (STF) sobre vítimas de desaparecimento forçado”, disse o procurador da República, Ubiratan Cazetta, um dos responsáveis pelo caso, logo depois que os procuradores tomaram conhecimento da decisão judicial.

Cazetta faz alusão a uma decisão da Corte da Organização dos Estados Americanos sobre os crimes cometidos por agentes da ditadura na guerrilha do Araguaia. A OEA determinou que o Brasil conduzisse eficazmente, perante a jurisdição ordinária, a investigação dos fatos, a fim de esclarecê-los, determinar as correspondentes responsabilidades penais e aplicar efetivamente as sanções. Ou seja, por esse raciocínio, nem a Lei de Anistia poderia amparar Curió.

Os procuradores da República também citam decisões do STF em pedidos de extradição do governo argentino. Os ministros brasileiros decidiram extraditar militares acusados de sequestro. “Ou seja, é um raciocínio que valeria para o país vizinho, mas não po-

deria ser aplicado ao Brasil?”, questionam os procuradores.

Na decisão de não receber a denúncia criminal contra Curió o juiz Otoni Matos considerou que a Lei da Anistia (nº 6.683/79) impede qualquer tentativa de punir os crimes do coronel reformado. Para o MPF, a denúncia criminal contra Curió não questiona a Lei da Anistia, e sim observa os precedentes do próprio STF em casos análogos, além de obedecer a decisão da Corte Interamericana, porque o Pacto Interamericano de Direitos Humanos foi assinado pelo Brasil e tem força de lei no país.

O MPF considera insuficientes os fundamentos da decisão do juiz Otoni Matos, porque afirma que a Lei de Anistia é válida e alcança fatos passados, mas não considera que ela própria, expressamente, se refere a fatos ocorridos até 15 de agosto de 1979, não se aplicando, portanto, a condutas que se prolongam no tempo, como no caso do crime de sequestro referido na denúncia, de caráter permanente, já que não se sabe o paradeiro das vítimas, argumenta o MPF. A permanência do crime é o argumento determinante para os procuradores da República que atuam no caso.

Essa não seria a única dor de cabeça judicial pesando sobre Curió. Há também o homicídio do jovem Laércio Xavier da Silva, de 16 anos, em feverei-

DOSSIÊ CURIÓ

Justiça quer coronel no banco dos réus

Além da acusação de sequestro dos desaparecidos na Guerrilha, ele responde por homicídio em Brasília

ro de 1993. O coronel é acusado de ter montado uma emboscada que matou o adolescente e ferido a bala Leonardo, à época com 17 anos. Um inquérito administrativo foi instaurado pelo Ministério Público para apurar possíveis irregularidades e omissões no processo, cometidas pelos delegados Antônio Admar Brandão e Rosana Raimundo Gonçalves. Segundo a promotoria de Justiça em Brasília, a emboscada que matou o garoto teria sido montada por Curió, Sebastião e Antônio César, filhos do coronel, e os agentes da Polícia Civil, João Bosco Frajorge e Eryson Coqueiro. Laércio foi morto por suspeita de roubo de um toca-fitas na chácara de Curió, em Sobradinho, cidade satélite de Brasília. O garoto foi morto com um tiro, nas costas, de pistola Beretta 9 milímetros, num baraco abandonado. À época Curió alegou legítima defesa, após ouvir dois disparos. A perícia técnica não encontrou vestígios de pólvora nas mãos dos garotos. O caso até hoje nunca foi a julgamento.

Na edição de domingo, na última parte da série, a tentativa de mudança de nome do município de Curionópolis e quais as lembranças dos moradores sobre o antigo poderoso político.

COMENTE ESTA NOTÍCIA NO DOL
www.diariodopara.com.br

Torturados querem ir para os livros

FLÁVIA LISBOA
De Marabá

A Guerrilha do Araguaia ainda não está registrada nos livros de História, usados nas escolas públicas brasileiras. Mas essa correção já foi reivindicada pela Associação dos Torturados da Guerrilha do Araguaia. Esta semana, à Comissão Parlamentar Memória, Verdade e Justiça, ligada à Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados. Diretor-tesoureiro da associação, Sezostrys Alves da Costa destaca que não se vê os estudantes terem acesso à história da Guerrilha do Araguaia, que mobilizou o maior contingente militar depois da 2ª Guerra Mundial. “Não há registro oficial disso nos livros didáticos”, critica. Ele diz que a cobrança foi feita e a comissão parlamentar ficou de reivindicar isso junto ao Ministério da Educação. “Aguardamos que nossa solicitação seja acatada para que todos tenham acesso a essa história”, completa.

OPERAÇÃO LIMPEZA

Em audiência pública realizada esta semana, pela Comissão Parlamentar Memória, Verdade e Justiça, a Guerrilha do Araguaia e a chamada “Operação Limpeza” vieram à tona novamente. Sezostrys Alves da Costa sugeriu que a comissão investigue as “operações limpeza” que teriam sido iniciadas em 1975, após o fim da guerrilha, e que, segundo a associação tem notícia, tiveram continuidade até a década de 90. Segundo ele, essas operações tinham como objetivo retirar os vestígios da guerrilha, impossibilitando a reconstrução dos episódios e das circunstâncias sobre a morte dos guerrilheiros.

Ele disse que a associação possui dezenas de relatos que apontam a presença do então major Curió, acusado de comandar a repressão à guerrilha, e de outros integrantes do DOI-Codi e do Dops participando dessas operações. Segundo Sezostrys, as operações têm sido obstáculo para o trabalho de campo que vem sendo feito pela associação. Esta semana o presidente da Câmara dos Deputados, Marco Maia, enviou para a Corregedoria da Casa pedido da Comissão de Direitos Humanos para que seja aberto processo sobre quebra de decoro parlamentar contra o deputado Jair Bolsonaro (PP-RJ). Segundo o deputado Domingos Dutra, presidente da comissão, Bolsonaro tentou obstruir os trabalhos da Comissão Parlamentar da Verdade que ouviu, em sessão fechada, ex-integrantes do Exército que participaram da Guerrilha do Araguaia, cujos depoimentos poderiam comprometer Sebastião Curió.

40 ANOS

No próximo domingo, dia 15, São Domingos do Araguaia será palco de um ato em alusão aos 40 anos da Guerrilha do Araguaia, com participação de representantes de Brasília.



Trabalhos de busca tentam encontrar desaparecidos

DOSSIÊ CURIÓ

Piloto viu corpos caindo de avião da FAB

Piloto e copiloto viram e confirmaram com sargento do Exército que foram seis mulheres jogadas na floresta



ISMAEL MACHADO

A possibilidade de que corpos de ex-guerrilheiros ainda possam ser encontrados é considerada quase nula numa casa situada na avenida Almirante Barroso, em Belém. Em uma pequena vila, o aposentado IV, de 92 anos, se deixa levar por lembranças que julgava enterradas, sepultadas em uma memória que tentou apagar imagens de uma manhã perdida nos anos 70. O aposentado foi testemunha de uma das possíveis atrocidades cometidas por Sebastião Curió no combate à guerrilha do Araguaia. IV lembra ter visto seis pessoas sendo jogadas de um avião da Força Aérea Brasileira (FAB) nas matas do Araguaia. Seriam lembranças que não viriam

à tona não fosse a série de reportagens do Diário do Pará a respeito da trajetória de Sebastião Curió. Ao ler as reportagens, IV decidiu contar o que viu. "Ele passou a semana agitado", diz a filha do aposentado. "Dizia que precisava falar a respeito do tal major Curió".

Na década de 70, IV trabalhava como copiloto de um avião Catalina que transportava carne de gado do município de Conceição do Araguaia a Belém. Num desses transportes, testemunhou, sem saber exatamente o que ocorria, a maneira como os inimigos de Curió eram tratados. "Nós

6 Começamos a ver uma coisa estranha, estavam jogando coisas do avião, primeiro foi um, depois mais dois, em seguida mais dois e no final mais um"

IV, copiloto aposentado

decolamos de Conceição do Araguaia às 6h. Recebemos, logo depois da subida, uma mensagem da torre de controle de Marabá informando que não deveríamos voar usando os instrumentos. Tínhamos de usar o sistema manual e na orientação visual". A justificativa era que um avião da FAB fazia operações na área. O comandante Macedo, que pilotava o avião, começou a voar abaixo das nuvens para facilitar a visualização. Quando sobrevoavam as matas do Araguaia, viram o avião da FAB. "Começamos a ver uma coisa estranha. Estavam jogando coisas do avião". A cena era macabra. "Primeiro foi um, depois mais dois, em seguida mais dois e no final mais um", enumera o aposentado. O comandante Macedo ainda embicou a aeronave para que os dois pudessem observar melhor o que se passava. Aos poucos, ficou claro que eram pessoas que estavam sendo arremessadas do interior do avião. Seis pessoas no total.

Em Marabá, enquanto faziam a manutenção da aeronave, piloto e copiloto foram abordados por um sargento, chefe do Destacamento de Marabá que, passando por problemas de saúde, pedia carona a Belém. "Damos a carona se o senhor nos explicar o que foi que vimos", condicionou o comandante Macedo. O sargento concordou em contar os fatos, desde que nada do que fosse conversado fosse revelado, dissecando, a seguir, o plano executado por Curió.

Às 5h, ele ordenou que seis mulheres integrantes da guerrilha fossem acordadas porque participariam de um passeio. "A cozinha não está funcionando ainda", lhe respondeu o soldado. "Não tem problema, assim elas não enjoam", retrucou Curió. As seis guerrilheiras teriam sido atiradas vivas do avião. Uma imagem que ficou compartilhada em segredo por IV, e o comandante Macedo. Anos depois, Macedo morreria num acidente de avião. IV esqueceria aos poucos aquela manhã dos anos 70. "Quando li o primeiro artigo que fala da negativa do juiz de Marabá, pensei que só o Supremo Tribunal Federal pode resolver essa questão, mas sei que não vai ser possível encontrar nada dessas moças. Nunca mais", diz o aposentado.

IV não quer ser identificado. Recusa que se façam fotos. Viu algo que sempre foi uma suspeita dos que buscam resgatar a história do fim da guerrilha. "É um novo olhar sobre esse episódio", diz Paulo Fonteles Filho, que integra a comissão que busca encontrar as ossadas dos guerrilheiros mortos na região. "Quando li as reportagens, tudo veio de novo, todas as imagens", diz o aposentado. "Eu precisava falar". É o exemplo a ser seguido.



COMENTE ESTA NOTÍCIA NO DOL
www.diariodopara.com.br

DOSSIÊ CURIÓ

Ele é uma sombra entre os garimpeiros

Opiniões se dividem em Serra Pelada, e em Curionópolis, querem mudar o nome do município para esquecer

ISMAEL MACHADO
De Serra Pelada
e Curionópolis

Se há um lugar onde S e b a s t i ã o Curió poderia se sentir novamente em casa é a vila de Serra Pelada. Local onde antigos garimpeiros ainda nutrem uma mistura de respeito e admiração

pelo ex-manda-chuva do garimpo. Ordem, disciplina e justiça são palavras usadas para definir a atuação de Sebastião Curió no mais famoso garimpo brasileiro. Falar em mudança de nome do município entre os antigos desbravadores da mina de ouro é perda de tempo. "Em vez disso, o que se devia era pensar em projetos sociais para o povo. O Curió foi um herói para muitos dos que vivem aqui", diz Genésio Donzete, membro da Associação de Assistência e Defesa dos Garimpeiros de Serra Pelada, entidade que se reorganizou há um ano.

O nome de Curió divide opiniões em Serra Pelada e Curionópolis. Há os que defendem a ideia de que ele representa uma época de atraso e autoritarismo. E há os que pensam que ele foi necessário durante um período singular da história do Pará. Certo mesmo é que há um projeto que pretende extinguir do mapa o nome do município vinculado ao ex-braço direito dos militares.

O projeto é de autoria oficial do deputado estadual Fernando Coimbra. No projeto, a intenção é fazer com que o novo nome do município esteja vinculado às atividades minerárias desenvolvidas por empresas como a Vale e a canadense Colossus. O projeto da Vale é a Serra Leste, que já tem canteiros de obras espalhados pela área do antigo garimpo. O nome do município passaria a ser Serra Leste, de acordo com o projeto de Coimbra. Há resistências. "Por que, se houver essa mudança, não se deixa o nome do município como Serra Pelada, que já é mundialmente conhecido?", questiona Guto da Costa, 47 anos, ex-garimpeiro que já tentou se tornar vereador em eleições passadas. Sobre Curió, é sucinto. "Foi um ditador, não tenho como admirá-lo".

"O nome vai mudar. Isso é fato", diz o assessor da Prefeitura de Curionópolis Miguel



Abreu. Isso porque é uma iniciativa, segundo ele, do Ministério Público do Estado. Mas o nome não está definido. "O prefeito Wenderson Chamon prefere que seja feita uma consulta pública com os moradores", diz Abreu, que também assessorou Curió quando o hoje coronel da reserva administrou a cidade.

Curió é lembrança viva entre os antigos garimpeiros. Quase todos têm história para contar do tempo em que, com mão de ferro, o representante enviado pelos militares para "pôr ordem na casa" tomou quase que para si o garimpo. "Quando o garimpo surgiu, os homens andavam tudo armado aqui dentro. Era a lei da selva mesmo, a lei de quem podia mais. Ai desceu aqui o Exército com a liderança do Sebastião Curió. E através das estratégias dele, foi conseguindo controlar os garimpeiros", diz Adelino Francisco de Oliveira, o Paraná, 74 anos.

ESTRATÉGIA

A estratégia consistia em ganhar a confiança, fazer amizade. "Ele foi desarmando todo mundo", lembra o garimpeiro. "Ele chegou aqui pra fechar o garimpo, com a autorização do presidente Figueiredo, mas aí aconteceu o que todo mundo sabe, com ele pedindo pra organizar pra que todo mundo pudesse trabalhar. Naquele tempo tinha ordem", garante Almir Ferreira, 71 anos.

A ordem implantada por Curió era simples. Ele era a lei. Se algum garimpeiro a desobedecesse, era levado a um palanque, onde Curió explicava aos outros o crime cometido pela pessoa. Como roubo, por exemplo. "Depois disso ele levava o camarada pra fora do garimpo. Nunca mais se ouvia falar do fulano. E mais se ouvia falar do fulano. E ninguém perguntava. Saber pra quê?", diz o ex-garimpeiro Luiz Ferreira Oliveira, 65 anos.

"Quando eu cheguei aqui, cada garimpeiro andava com um 38 maior que ele, pendurado do lado. Mas ninguém roubava. Mas os conflitos eram resolvidos na bala", lembra Antonio Bernardo, o Dodô, hoje dono de uma pe-

quena venda de bebidas na vila. "Com o Curió não se tinha isso de o cabra querer ser mais macho, mais homem do que os outros. Ele acabou com essa história", complementa.

O povoado de Curionópolis, ainda não município, era e ainda é por muitos conhecido como 30. "De dia era 30, de noite era 38", ri Baiano, um negro de cabelos e barbas brancas. "Olha seu moço, eu não tenho nada contra o Curió. O que ele desperta aqui é paixão. Tem gente que gosta dele, tem gente que tem inveja. Essa é a verdade".

Verdade é algo difícil de se definir quando o assunto é Sebastião Curió. Um mito que o município de Curionópolis pretende apagar? "Não acho que seja apagar, mas a imagem dele já está sendo esquecida. Ele é lembrado como algo que gerou estagnação. Ele era um expert em questões militares, mas não para a política", diz o ex-assessor Miguel Abreu.

Caso mude de nome, Curionópolis pode simbolizar mais do que qualquer outra ação direta o fim de uma era. Período em que o nome de Sebastião Curió, o ex-lutador de boxe, filho de um barbeiro que um dia, ao ver o primo ser recebido com honras militares almejou para si as mesmas regalias. Acusado de torturas, homicídio, sequestros, execuções e desaparecimento de corpos pela Justiça, Sebastião Curió permanece um enigma, uma esfinge a ser decifrada. Patriota a serviço do País ou um dos maiores vilões já vistos por essa região? A História há de julgá-lo, se a Justiça não o fizer.

“Ele era um expert em questões militares, mas não para a política”.

Miguel Abreu
ex-assessor

COMENTE ESTA NOTÍCIA NO DOL
do
www.diariodopara.com.br